

O que vem a ser a “Constelação Familiar” – um método que teve uma expansão quase inacreditável nos últimos anos, e tem, entre os cristãos, uma popularidade às vezes até maior? O que deve ser criticamente iluminado e que perguntas o surgimento dessa moda lança ao trabalho pastoral? Como lidamos com isso – quais respostas temos?

E já avisamos de antemão: quando falamos desse tema, trata-se da “Constelação Familiar segundo Bert Hellinger”. Fazemos isso para diferenciá-lo da forma original de Constelação Familiar, não inventada por Bert Hellinger, praticada no âmbito das psicoterapias mais sérias.

I. O caminho para a Constelação Familiar no quadro das terapias familiares sistêmicas

Até os anos 50 (e, de certo modo, até hoje), a psicoterapia era algo entre duas pessoas, o terapeuta e o seu cliente. Durante muito tempo, ninguém havia ousado levar parentes de um cliente para uma terapia. Então, no final dos anos 50, abriu-se um caminho para a formulação da terapia familiar – especialmente através de Virginia Satir (também chamada de ‘a mãe da terapia familiar’). Por meio de sua experiência de aconselhamento de pais e filhos, ela teve, pela primeira vez, a ideia de fazer a terapia com toda a família, no lugar da terapia de cada pessoa individualmente. Esse trabalho era, a princípio, uma forma de terapia da comunicação, ou seja, trabalhava puramente sobre o plano da linguagem.

Nos anos 80, a assim chamada Escola de Milão (que adotou o nome de ‘terapia sistêmica’) adicionou às técnicas de linguagem, meios de expressão figurativo-descritivos para interpretar essas interações relacionais e, ao mesmo tempo, tratá-las no modelo físico ou ambiental. Esses poderiam ser esquemas (genograma), mas também pessoas realmente definidas – originalmente os membros, de fato, da família. Essas “esculturas familiares” são uma técnica derivada da “construção familiar” de Satir, porém não passam, jamais, de um instrumento auxiliar para o diagnóstico; a sistematização tem o caráter de hipóteses genéricas, fornecendo estímulos cognitivos e emocionais – são, portanto, ponto de partida para o diálogo terapêutico, em que, no caso ideal, os verdadeiros membros da família são envolvidos. Através da comunicação, as pessoas devem ser ajudadas a superar os problemas. A “constelação” das famílias é, junto a isso, um aspecto parcial de uma terapia mais abrangente, que não se completa numa única sessão, mas precisa de várias, de no mínimo uma hora de duração. Técnicas como a composição do genograma, ou o estabelecimento de esculturas familiares, devem abrir aos indivíduos novas possibilidades de valorização da história familiar e, com isso, novas possibilidades de relacionamento. Para isso, é necessário um terapeuta que sabe que não pode conhecer a ‘verdadeira’ percepção, que encontre o cliente e sua perspectiva com um enfático respeito e sensibilidade, atento à sua autonomia, e que também exija uma diversidade e uma expansão das opções de atuação do lado do cliente. Essa abordagem e os métodos citados são parte integrante do trabalho e da terapia sistêmicos. As mudanças, desenvolvimentos e efeitos da terapia são controlados.

Essa forma de Constelação Familiar pode, naturalmente, ser usada também no quadro de uma psicoterapia de orientação cristã. As propostas de solução, assim como os caminhos para a solução, serão, então, formadas apropriadamente.

A Constelação familiar segundo Bert Hellinger

Mesmo que Bert Hellinger tenha tentado a ideia de sistematizar a família, partindo das abordagens acima descritas, sua forma de Constelação Familiar não pode ser a elas igualada, ou sequer aproximada. Bert Hellinger isolou um elemento de um abrangente conceito terapêutico, combinou-o com sua visão de mundo e, a partir daí, desenvolveu uma prática própria, da qual a Associação dos Psicólogos da Alemanha (DGSF, em sua sigla alemã) tomou uma clara distância¹. Foi, porém, a Constelação Familiar segundo Hellinger que entrou na moda, e é para ela que convergem as massas – muitos acham que Bert Hellinger é o verdadeiro inventor da Constelação Familiar. O sucesso financeiro dessa forma especial chegou inclusive, no início, a fazer com que terapeutas sérios fossem seduzidos a embarcar nesse tipo de convenção. Hoje, nem mesmo a Constelação Familiar de Hellinger é mais uma prática unitária, mas segue em diversas variantes.

É essa forma de Constelação Familiar que tem de ser minuciosamente criticada numa perspectiva também teológica e pastoral.

¹ Cf. www.dgsf.org/themen/berufspolitik/hellinger.htm

Sobre a pessoa de Bert Hellinger²

Hellinger, nascido em 16 de dezembro de 1925 em Leimen, Heidelberg, com o nome de Anton Hellinger, descende de um lar paterno tradicionalmente católico. Descrito pelos nazistas como ‘verme do povo’ graças à sua ascendência católica, foi salvo por sua deserção da Wehrmacht (o exército alemão) e posterior detenção pela Gestapo. Um ano após sua saída da prisão, entra nos missionários de Marianhiller, em Würzburg (recebendo, aqui, o nome de Suitbert), onde termina em 1952 os estudos de teologia e é ordenado padre. Em 1953 é enviado em missão à África do Sul, onde se reveza entre o trabalho na escola e na paróquia. No território africano, ele aprende também sobre a cultura dos zulus, que influenciará duradouramente seu desenvolvimento posterior.

Em 1968 é chamado de volta para uma Alemanha completamente transformada, na qual ele tem cada vez mais dificuldade para achar o seu caminho. É ainda colocado como chefe da casa em Würzburg, mas gradativamente entra em crise. Inicia uma psicanálise, frequenta palestras de psicologia, porém, pouco a pouco aparecem obstáculos para se inserir na disciplina da Ordem, acabando por abandoná-la no ano de 1971. Preserva o nome – e então, de Padre Suitbert, torna-se Bert Hellinger. Logo, vem a conhecer também uma mulher, com quem se casa posteriormente.

Nos tempos seguintes, experimenta diversos sistemas psicoterapeutas, sem, no entanto, jamais chegar a absorver uma educação completa e fechada de modo determinado. Finalmente, encontra a Constelação Familiar de [Virginia] Satir e forja um método autônomo, transformando essa terapia de acordo com sua própria imaginação, o que acabou isolando-a da terapia convencional. Terapeuta e cliente não elaboram mais as possibilidades de solução através do diálogo: o terapeuta conta com a exclusividade para mostrar a solução correta. O cliente é passivo e tem de aceitar a solução que lhe é oferecida. No início dos anos 80, Hellinger surge como terapeuta em Munique e seu nome rapidamente se espalha no meio terapêutico. Ele prende a atenção das pessoas, fascinando-as, mas permanece sempre envolto em mistério e fechado. Finalmente – no ano de 1994 – trabalha pela primeira vez diante de um grande público, a convite do Centro Esotérico da Alta Bavária (ZIST). Isso se torna para ele uma experiência-chave. “Fiquei eletrizado. Havia visto, subitamente, que ali se produz um campo de uma maneira que não é possível em grupos”. Hellinger descobre o efeito sugestivo das massas.

Progressivamente, ele se apresenta como um sábio que possui um conhecimento elevado. Proclama a ‘verdade’, à qual seus clientes têm de se submeter. Reúne, em torno de si, uma comunidade de fiéis, os quais aceitam suas soluções e sua linguagem formal, de modo cada vez mais incondicional e uniformemente, e não se perturbam com o fato de que, vistos de fora, dão a impressão de constituírem uma seita. O ensinamento de Hellinger encontra uma grande adesão dentro do culto do Rajneesh-Osho. Grande parte de seus clientes vêm, a princípio, de círculos esotéricos. Hellinger anuncia agora repetidamente que ele “se vê a serviço de algo maior”, e, ao mesmo tempo, vai se distanciando da Igreja Católica (e do cristianismo em geral).

O Grupo de Trabalho para a Psicanálise de Munique, que naqueles dias, apesar do currículo deficiente de Hellinger, havia-lhe reconhecido como psicanalista (dando-lhe, com isso, a possibilidade de trabalho), se distanciou dele há bastante tempo, e chegou a sugerir a sua saída – um pedido que Hellinger atendeu sem resistências. Ele não precisava mais, de fato, do reconhecimento de uma associação oficial. Já se havia tornado uma figura cultuada. Seus cursos são ministrados em todos os continentes, seus livros traduzidos em todas as línguas europeias. Em 2003, já havia mais de dois mil imitadores, só na Alemanha, que ofereciam a ‘Constelação Familiar segundo Bert Hellinger’. Hellinger não assume nenhuma responsabilidade por esses imitadores. “Eu não me importo com o que as pessoas fazem em meu nome”. Os discípulos de Hellinger se encontram hoje em clínicas psicossomáticas, em planos de seguros médicos e terapêuticos, em centros de formação familiar e comunidades de estudantes mantidos pela Igreja, em centros educacionais para adultos, práticas de cura alternativa e círculos esotéricos.

II. A Constelação Familiar segundo Hellinger – a diferença

a. A prática

O terapeuta e um grupo mais ou menos volumoso se reúnem. “Quem quer trabalhar?” – com isso, o terapeuta convida algum participante a se apresentar e dizer o seu problema, que precisa solucionar. Em todo caso, não se pode dizer muita coisa, apenas um problema básico deve ser citado, de modo bastante resumido. O excesso de detalhes acabaria tirando a força do evento: “Eis porque o caminho que eu escolho deve ser questionado o mínimo possível. Isso é bom para a minha alma. Ajuda-me a conservar intacta a minha energia”³. (Os problemas normalmente citados são: “Sempre tive

² Essas notas biográficas são retiradas do artigo de Beate Lakota: “Das geht sie gar nichts an. Biographisches an Bert Hellinger” [Isso não é de todo possível. Abordagem biográfica a Bert Hellinger]. In: GOLDNER, Colin (org.). *Der Wille zum Schicksal. Die Heilslehre des Bert Hellinger* [A vontade do destino: a doutrina de salvação de Bert Hellinger]. Viena: Ueberreuter, 2003. p. 12-22.

³ HELLINGER, 2005, 189.

dificuldades com o meu pai”; “Tenho um relacionamento tenso com minha irmã”; “Tenho estado sempre triste e deprimido”; “Tenho sentimentos de culpa”; “Não encontro meu lugar na vida”; “Não sabemos se devemos continuar juntos ou nos separar”, ...⁴). O terapeuta, então, convida o cliente a apresentar sistematicamente sua família.

Para tanto, são escolhidos, entre os participantes, representantes para cada um dos membros vivos – mas também dos já falecidos da primeira e até da segunda geração – da família em questão. A escolha deve ser feita da forma mais intuitiva possível, sem pensar demais.

Em seguida, os participantes são, no início, dispostos espacialmente em relação ao próprio cliente (em distâncias correspondentes, de frente ou de costas para ele); por último, é escolhido um representante para o próprio cliente, buscado nesse mesmo círculo. O cliente agora se senta e apenas observa a ação. Ele não tem mais nada diretamente com a ‘terapia’ propriamente dita. Ele deve observar a imagem que agora se forma, e deixar-se marcar por ela.

Os representantes devem, então, simplesmente descrever seus sentimentos – estes são avaliados como fontes de informação que devem fornecer acesso aos reais sentimentos e atitudes das pessoas representadas. Esses sentimentos, que com rapidez se tornam visíveis nos representantes, podem ser compactos e acompanhados de sensações físicas. Frequentemente – assim se afirma – os representantes reproduzem sentimentos e atitudes que são descritos pelo cliente como incrivelmente apropriados.

Na etapa seguinte, os representantes são mudados em seu arranjo espacial, durante um período de tempo, em que a eles são lidas sentenças, que devem ser repetidas e ditas uns para os outros, até que uma ordem seja encontrada, na qual cada um se sinta bem. A busca pela solução não precisa servir apenas ao cliente, mas a toda a família (que geralmente não está presente – às vezes, se fala de um “efeito a longa distância” sobre membros ausentes da família). Percebe-se que uma solução foi encontrada quando se reconhece o brilho nos olhos e na atitude corporal descontraída⁵. “Muito bem, foi isso”. “Ok, ficamos por aqui”, são as palavras de despedida do terapeuta.

Dúvidas não são toleradas e conversas sobre a ação são bloqueadas, pois perturbariam o campo de forças. O processamento emocional da ação pelo cliente não é mais objeto da prática.

Os adeptos da Constelação Familiar presumem que os sentimentos mostram a realidade da família representada – por isso Hellinger também chama o seu método de um ‘método fenomenológico’. “A Constelação Familiar é algo muito simples. Não é uma filosofia, uma teoria, nem mesmo de fato uma terapia. (...) No ponto central está a realidade como ela se mostra para nós”⁶. O cliente deve ‘concordar’ com aquilo que foi trazido à ‘luz’. A concordância do cliente com o seu destino é a solução do problema.

Essa prática apresenta diversas variações: nem sempre um grupo grande está presente; a Constelação Familiar segundo Hellinger é também oferecida em sessões individuais. Nesses casos, vários objetos são colocados no chão para substituir os representantes: sapatos, módulos, ou mesmo saleiros – terapeuta e cliente se alternam nessas posições para então inferir a realidade familiar com a ajuda dos sentimentos que emergem. Às vezes, um objeto posicionado é apenas erguido nas mãos – os sentimentos inferidos, enquanto visão da realidade, tornam-se a base para a solução terapêutica. (Podem também ser oferecidos jogos de bonecos de Playmobil – 40 bonecos num set, por 44 euros – ou outros modelos, como 24 figuras abstratas num pacote de 149 euros – os assim chamados *Strutkies*, que devem ser usadas com este propósito)⁷.

Não são mais representadas apenas pessoas que têm um vínculo familiar, mas também órgãos do corpo, nações, empresas, objetos (como, por exemplo, a bomba atômica), conceitos abstratos (clareza, escuridão, destino, morte ou mesmo Deus) e, recentemente, também animais⁸.

A alma de grupo ou o campo de consciência

Para a explicação dos *insights* que os representantes obtêm tão logo são posicionados espacialmente, A. Mahr introduziu o conceito de campo de consciência (embora Hellinger tenha privilegiado o conceito da alma de grupo ou alma familiar). “Com o campo de consciência, se afirma que os representantes obtêm um acesso a um saber que as pessoas possuem e cujos espaços eles ocupam (...). Os representantes entram em contato com uma camada ou verdade mais profunda dos relacionamentos no sistema alheio – um fenômeno até agora inexplicável (...) Nas constelações familiares, pessoas totalmente desconhecidas se tornam um canal para a verdade do sistema em questão”⁹.

⁴ Cf. ULSAMER, 21.

⁵ SCHÄFER, 28.

⁶ NELLES, 2003, 39.

⁷ Cf. REUTER, 204.

⁸ Cf. SCHULZ-HENKE., V. *Wenn Tiere Schicksal für uns tragen. Familienaufstellungen für Tiere* [Quando os animais nos trazem o destino. Constelações familiares para animais]. Seon: Christa Falk Verlag, 2006.

⁹ ULSAMER, 98.

b. A teoria e o objetivo

Ordem, vínculo, lei do equilíbrio, envolvimento

Para poder compreender qual o propósito mais exato da Constelação Familiar, e o que é visto como um problema ao invés de solução, é necessário encarar a teoria de Hellinger.

A ‘ordem do amor’

A lei do ordenamento biológico da vida é fundamental. A vida vem de uma fonte mais elevada do ser. Através dos pais, a vida da geração subsequente entra na existência. É de máxima importância a ordem biológica da sucessão das gerações. Quem veio antes permanece acima, quem vem depois tem de se subordinar. Pela ordem biológica, os membros da família se encontram num rígido contexto estrutural. Eles são determinados e unidos por uma consciência de grupo ou por uma alma familiar. A terapia sistêmica segundo Hellinger trata-se, então, de uma busca pela possibilidade de uma pessoa estar enredada nos destinos de membros anteriores da família expandida¹⁰. Esse enredamento acontece, pois, quando a um membro da família não é dado o lugar apropriado no sistema familiar, ou quando não lhe é prestada a honra devida por sua posição biológica. Se um familiar é esquecido, silenciado ou excluído, um outro membro da família nascido posteriormente irá repetir seu destino – esse é um efeito da consciência de clã. Consciente ou inconscientemente, os que nascem depois acabam querendo sofrer uma ‘expição’ ou fazer um sacrifício pelas injustiças anteriores. Expição e sacrifício pelos outros, porém, são algo absurdo, ninguém pode pagar pela culpa dos outros. O pensamento expiatório faz adoecer.

Pertencem ao sistema familiar pais, filhos, avós, bisavós, ex-companheiros e os filhos resultantes dessas relações; para o caso de um membro da família ter se tornado um assassino, faz parte também o seu sacrifício, e, vice-versa, se um familiar tiver sido assassinado, o assassino também participará. Isso também vale para o estupro.

O objetivo é, entre outros, identificar membros da família desprezados, esquecidos ou suprimidos, e então, através de gestos ou frases de sujeição ou reverência, reconhecê-los, garantindo-lhes seu merecido lugar no sistema. Isso implica que também os criminosos, assassinos, estupradores, dentre outros, devem ter esse lugar de honra reconhecido, sem que suas ações sejam julgadas, avaliadas ou declaradas como boas ou más. As diferenças entre bem e mal, certo e errado, só são percebidas no plano inferior das pessoas e na superficialidade de sua vida terrena. Num plano mais elevado (como no plano da alma familiar) isso não existe. Aqui tudo é igual. Qualquer julgamento é equivocado, uma vez que todas as pessoas do sistema são controladas por forças superiores, e só fazem aquilo que devem fazer, agindo conforme o seu destino. Ninguém pode ir contra o seu destino.

O perdão, no sentido cristão, é rejeitado como um ato de arrogância. Alguém que nasceu depois não pode jamais perdoar expressamente a alguém que veio antes. Com isso, a ordem seria perturbada e nenhum problema resolvido (“Através da culpa ganhamos uma força especial para fazer o bem; inocentes, teremos menos força para isso [...] Quando alguém perdoa um culpado, tira-lhe essa força especial, além de sua dignidade especial”. “O perdão não é um bom caminho para uma reconciliação duradoura”¹¹). Com o termo ‘reconciliação’, Hellinger entende ‘concordância’ e reconhecimento do destino. Através desses atos, os ‘nós’ são desfeitos, e aqueles que nasceram posteriormente são libertados das forças que os levam a repetir destinos alheios. Isso significa que cada um tem o seu próprio destino e ninguém (num plano mais elevado) é responsável pelos outros. Cada um tem de carregar o seu destino por si só. E acima de tudo: ninguém entre os nascidos posteriormente deve se intrometer nos assuntos dos antepassados¹². Perdoar, em todo caso, é uma interação equivocada com a culpa. “Não somente perdoar tem más consequências, como também é ruim o pedir perdão. Uma pessoa não tem o direito de perdoar (...)”. O perdão impede, na relação, a igualdade do nascimento, criando uma graduação de cima para baixo. Isso vale também para a confissão¹³.

A lei do equilíbrio

As relações pessoais são marcadas pelo dar e receber – essa dinâmica tem de ser equilibrada, tanto no bem quanto no mal. Isso significa que, quando se ama o outro, deve-se dar de volta um pouco mais do que aquilo que foi recebido, e vice-versa, e assim a troca pode crescer.

¹⁰ TEN HÖVEL, 13.

¹¹ HELLINGER, 2005, 123-124.

¹² Ibid., 83.

¹³ Cf. SCHÄFER, 61.

“É uma bela função da consciência o fato de ela, de certa maneira, forçar uma troca, e a troca faça crescer o bem. O mesmo vale também, todavia, quando alguém me faz algo de ruim. Eu fico querendo, do mesmo modo, atingi-lo, pois tenho necessidade de equilíbrio. Se não fizer nada a ele, o relacionamento fica ameaçado, uma vez que ele espera por minha revanche. Se eu fizer a ele o mesmo que ele fez a mim, irá se sentir aliviado (...) Devemos retaliar, isso é necessário, pois se alguém é apenas bom, destrói as relações”. Um truque que se pode usar aqui é fazer ao outro um pouco menos de mal, ou seja, revidar ‘com amor’: faz-se o outro sofrer, mas um pouco menos – e então haverá de se recomeçar a troca de bem¹⁴.

Agressor e vítima

“A reconciliação entre o assassino e a vítima é o protótipo de qualquer reconciliação. Somente aqui se mostra o que significa, afinal, reconciliação. É a reconciliação onde a culpa não exerce mais nenhum papel, em que não há mais bem ou mal, nenhum agressor e nenhuma vítima, e onde, diante de um poder maior, há apenas aqueles que nesse conflito e através dele foram colocados a serviço desse poder”¹⁵.

Em relação ao período nazista, não cabe a nós – que nascemos depois – fazer julgamento algum. Agressores e vítimas permanecem, todos, sob o comando de um poder mais elevado (“Com isso, não compreendemos plenamente o ímpeto dos eventos históricos, que, por assim dizer, assalta todo um povo, obrigando-o a fazer coisas das quais, para um indivíduo, é extremamente difícil de escapar. Para os alemães e austríacos foi algo inevitável. Ninguém teria conseguido detê-lo. Mesmo para o povo judeu foi inevitável. Ninguém teria conseguido pará-lo. Todos estavam entregues a um poder maior. Enquanto não se olhar para esse poder maior, reconhecendo toda a sua horripilância, reverenciando-o e a ele se sujeitando, não há solução”¹⁶).

“Se alguém torna-se culpado, é levado ao serviço pela culpa (...) Sobra, então, a questão da responsabilidade. Ser bom ou mau é algo que não se dá livremente. O assim chamado ‘bem’ tem a melhor sorte, talvez, mas não é superior. No fundo, entre as pessoas há uma paridade. Ali, todos os homens são iguais. Todos estão a serviço, uns de uma maneira, outros de outra”¹⁷. Posteriormente, ao morrermos, não haverá diferença alguma entre agressores e vítimas¹⁸.

O confronto com a morte e a inclusão dos ancestrais

Uma particularidade do trabalho feito na Constelação Familiar é que não apenas os problemas dos vivos devem ser resolvidos, mas também os dos mortos. Se aos mortos não for dada a honra que lhes cabe, haverá consequências nas gerações posteriores. Se isso ficar emperrado, acabará envolvendo também os que vierem depois. Ocasionalmente, agressor e vítima já falecidos ainda não se reconciliaram – e assim, pesadas dinâmicas atuarão nas gerações posteriores. As soluções são, às vezes, então, totalmente apresentadas no plano dos mortos – os representantes realizam, desse modo, aquilo que os mortos não são mais capazes de realizar, chegando-se retrospectivamente a um acordo e à pacificação entre eles. Nesse processo, os representantes têm de assumir o ‘campo de energia’ dos mortos, ou a alma de grupo daqueles que morreram, nos quais eles também são representados.

Homem e mulher na ‘ordem’ de Hellinger

O homem vem em primeiro lugar. Em seguida, vem a mulher. A mulher segue o homem, o homem serve à mulher. No caso dos problemas familiares, eles partem, em sua maioria, das mulheres que não honram o homem de modo satisfatório. A mulher briga com o homem, esperando que ele se mostre como o mais forte e vença. Elas só querem homens que as conquistem (como, por exemplo, no caso do mito de Siegfried e Brunilda). Após a vitória do homem, segue-se o ato sexual. Se a mulher vence, abandona o marido. A maior realização humana é o ato heterossexual aberto à procriação (a prevenção contraceptiva diminui o valor da relação). Através dele, a corrente da vida pode continuar a pulsar.

Se houver um caso de abuso infantil numa família, é porque há uma relação desequilibrada entre o dar e o receber. O marido não recebe da mulher o que lhe é devido e então procura a filha para obtê-lo. (A filha se oferece inconscientemente para compensar aquilo que a mãe não dá.) Na verdade, ele não pode fazer nada a respeito, pois é controlado por um poder mais elevado. Em um plano mais profundo, há no caso do incesto sempre uma concordância íntima da parte de todos os envolvidos, inclusive da criança.

¹⁴ Ibid., 80-81.

¹⁵ HELLINGER.,2005, 196.

¹⁶ HELLINGER, 2005 229.

¹⁷ HELLINGER, 2000 124.

¹⁸ ULSAMER, 187.

A solução para o sofrimento da alma causada pelo abuso infantil consiste nisso: que a criança honre e reconheça o pai. (O ritual de solução é o seguinte: o gesto da reverência diante do pai; a frase-solução: ‘Obrigado, papai, pela mamãe eu o faço de bom grado’.) em qualquer caso, o perdão é proibido, pois seria um ato de arrogância que não cabe a nenhuma criança.

Fé, religião e cristianismo em Hellinger

Hellinger foi um sacerdote católico ordenado e seu discurso está sempre impregnado de conceitos que provêm dessa tradição. Isso não deve esconder o fato de que ele empreendeu um expressivo rompimento com o passado. De modo revelador, ele dá o seguinte conselho a um padre que largou sua vocação e se casou: “Quando alguém parte, só consegue ter sucesso quando percorre todo o caminho, ou seja, ele tem de romper com a fé para se encaminhar à fé maior”. A ‘fé maior’ é, para Hellinger, uma fé que ele chama de ‘fé na Criação’ para diferenciá-la da fé na revelação.

“É, de fato, deficiente, uma fé que imagina poder ou dever pertencer a Deus de modo especial, e que esse Deus é mal quando se faz algo que corresponde à Criação (...) A fé no Deus da revelação exige o rompimento com o Deus da Criação, e, com isso, o rompimento com a Criação, do modo como a percebemos (...) A fé no Deus revelado é, portanto, sempre a fé num testemunho dado por alguém, e esse testemunho se torna, então, definitivo. É, por isso, sempre uma fé numa pessoa”¹⁹.

Hellinger levou adiante esse rompimento e não fez nenhum segredo sobre isso. O ‘rompimento’ permeou toda a sua ideologia e prática. Algumas citações, em que ele se manifesta sobre Deus, fé e religião, mostram isso de modo evidente:

“Há muitos deuses (...) o Deus judeu e cristão é apenas mais um entre outros deuses”. Na medida em que o Deus da revelação precisa de pessoas através das quais Ele fala, acaba se mostrando limitado”²⁰.

Haverá alguma coisa por trás dos deuses? “Não sabemos, mas isso nos abre a possibilidade de nos livrarmos desses deuses em prol desse algo diferente”. A vida seria uma estação intermediária, todos nós retornamos à ‘base original’, “e uma vez que foi a energia original que se moveu para nós e nos formou, as diferenças são novamente abolidas”²¹. O homem criou Deus à sua imagem; seríamos mais humanos sem esse Deus. Por trás de tudo estão as forças do destino; “esse destino não se deixa mudar nem influenciar. Ele existe, por assim dizer, desde a eternidade, e independente de qualquer outra influência. É aquilo que governa o todo, inexoravelmente, segundo leis que ninguém conhece ou vislumbra”²². As religiões (inclusive a cristã) enfraquecem; elas são inimigas da vida e da realidade.

“Processos de vida ligados a imagens do céu, sofrimento e expiação substitutiva, ressurreição após a morte e imortalidade pessoal levam a graves doenças, a fatalidades ou ao suicídio. Essas imagens acabam iludindo com pensamentos, desejos e atitudes mágicas, de modo que o doente ou o moribundo fica achando que poderia, através de um sofrimento aceito de bom grado, livrar outras pessoas dos seus sofrimentos, mesmo quando esses sofrimentos fazem parte dos seus destinos”²³. Essa ideia tem um efeito desastroso.

A cura e a redenção exigem uma conversão a algo maior. “Esse algo maior seria a terra – em contraposição à mentirosa promessa do céu”²⁴.

O desejo de expiação pela culpa é uma dinâmica que leva à doença e ao suicídio. A ideia de poder fazer algo pelos outros através de um sacrifício expiatório é descrita por Hellinger como um pensamento mágico.

O verdadeiro processo religioso, que antes se chamava adoração e entrega é a veneração dos pais, ou seja, da terra.

No que concerne à Bíblia, eu sou um incrédulo; para mim, é um livro humano, que me fascina tanto quanto nas ocasiões em que me permito afastar-me do meu centro”²⁵.

“Na consonância com a terra, também exerço um poder, que pode ser considerado também sacerdotal”²⁶.

“Parece-me que o Deus pessoal, por mais refinadamente que possa ser apresentado, continua, todavia, fazendo parte da lista dos deuses (...) Acho que nossa atual experiência de mundo, de unidade e interconexão vai muito além dessa representação (...)”²⁷.

¹⁹ HELLINGER, 2002, 421.

²⁰ Cf. HELLINGER, 2000, 29.

²¹ HELLINGER, 000, 49.

²² HELLINGER, 2004, 41.

²³ HELLINGER, 2000, 27.

²⁴ Ibid., 37.

²⁵ Ibid., 57.

²⁶ Ibid., 58.

²⁷ Ibid., 61.

Encontra um consolo aquele que “dignifica de coração e reconhece como de igual valor aquilo que até agora foi excluído, ou teve pouca consideração, ou o assim chamado ‘mal’”²⁸.

“Quem procura expiação não é libertado. Quem concorda com a culpa está a salvo”²⁹.

“Aquele que adere a Iahweh continua ansioso”.

“Quem deseja o eterno, deseja algo ruim”³⁰.

Em uma sessão de Constelação com um homem que tinha claramente um problema de vocação: “Onde se encontra a solução? – No rompimento com Deus. Pois este (o cristão, bem entendido) é um Deus muito pequeno. Despeça-se dele com dignidade – e vá em busca de algo maior.

O que posso conhecer de Deus? Nada. Permaneça no amor à terra (...) A única realidade que conhecemos é a terra. Ela é a maior grandeza que conhecemos. É ela que abriga o mistério maior, não o céu. Gostaria de dizer mais uma coisa sobre vocações, as assim chamadas, desde sempre, vocações divinas. Via de regra, elas vêm apenas do deus que surge na família, que é quase sempre a mãe (...) Se alguém não prossegue, por exemplo, numa vocação sacerdotal, só consegue isso através de uma renúncia ou conversão religiosa (!). Alguém só consegue, portanto, ir contra uma vocação como essa quando, para falar drasticamente, escapa desse Deus. E somente alguém que tem uma grande fé e uma grande energia consegue isso”³¹.

“A Divindade, porém, não nos dá nenhuma orientação de comportamento, e ousou dizer que dela não há também nenhuma revelação”³².

“Eu penso muitas vezes sobre quais as consequências desse trabalho, e daquilo que ele põe às claras, sobre a atitude religiosa. Ele nos obriga ao reconhecimento da terra, e de que estamos de várias formas amarrados a alguma coisa terrena, em algo que nos força e controla sem que o percebamos. Muitas religiões parecem-me caminhos na direção de nos desencorajar, de ter nos olhos essa realidade”³³.

“Esse trabalho se baseia sobre a experiência e a percepção imediata, sem quaisquer outras pressuposições. Portanto, se você quiser, pode ser também orientado religiosamente através desse trabalho. Ele produz experiências religiosas, mas num sentido totalmente aberto (...) Em todo caso, produz experiências com forças profundas, com uma alma maior, que supera aquilo a que ele se propôs anteriormente. (...) Para os cristãos há também, nesse trabalho, sempre um estímulo a se deparar, mais uma vez, com os conteúdos de fé e, quem sabe, a aprofundá-los (!?)”³⁴.

“São de um significado especial para nós as religiões reveladas, ou seja, as religiões que remontam a uma pessoa que diz para os outros que ele teria recebido de Deus uma revelação, fazendo com que os outros, muitas vezes, sob uma ameaça de condenação eterna, acreditem nessa revelação. As religiões reveladas – e, para nós, antes de tudo, o cristianismo – são uma espécie de ponto culminante da religião do ‘eu’ (...) O revelador se eleva, através de sua revelação, não apenas acima dos seus seguidores, mas também acima do Deus por ele anunciado. Por isso, são as religiões reveladas, principalmente, as que precisam de esclarecimento e purificação”³⁵.

“Religiões do ‘eu’ são religiões de grupo. A consciência é a consciência do grupo, e é a que cuida da coesão dele. Quem age de acordo com a consciência do grupo sente-se inocente (mas, com isso, permanece prisioneiro do mesmo); aquele que faz algo que o afasta do grupo torna-se culpado diante da consciência deste. Para crescer e se tornar autônomo, seria necessário se tornar culpado. Quem não se torna culpado, permanece eternamente uma criança.”

III. Crítica

Deve ser feita uma crítica tanto à prática quanto à ideologia por trás dela. A concepção de mundo e a ‘religião’ de Hellinger se dissociaram totalmente do cristianismo – e ele, inclusive, não faz nenhum segredo a respeito disso. Mesmo que suas ideias se diferenciem dos modelos clássicos do esoterismo – Hellinger é contra o aperfeiçoamento espiritual, e não acredita em vias de iluminação e de autorrealização. A ideia de um Deus pessoal é descartada. O Divino é um mistério inominável que permanece por trás de tudo, mas não é acessível. Não se pode saber nada sobre ele. Quem quiser dizer algo sobre o Divino terá de falar sobre o Nada. A realidade última é um poder do destino, ao qual estão também submetidos os ‘deuses’. Esse poder controla tudo. A ideia de redenção, salvação ou mudança do mundo, empenhando-se por ele, são irrelevantes (todos os ‘melhoradores’ do mundo fizeram mal a ele).

²⁸ Ibid., 62.

²⁹ Ibid., 64.

³⁰ Ibid., 79.

³¹ Ibid., 101.

³² Ibid., 105.

³³ Ibid., 135.

³⁴ Ibid., 187.

³⁵ Ibid., 203.

Hellinger criou muitas de suas ideias claramente a partir do seu encontro com os zulus. O culto aos antepassados, assim como o medo diante de ancestrais negativos – quando estes não recebem a devida honra e procedimentos ocultos para se comunicar com os antepassados, etc.– são disseminados entre os povos sul-africanos de língua banto³⁶. A partir de outras sociedades tribais africanas, são também conhecidos os rígidos sistemas hierárquicos guiados pela sequência de nascimento³⁷. De modo distinto, a teologia bíblico-cristã não reconhece essa rígida hierarquia familiar (cf. Jacó e Esaú; a história de José; Davi).

As práticas dos discípulos de Hellinger são também comparadas àquelas do xamanismo. Como num ritual xamânico, cada constelação é um evento que responde por si só. Não há uma série de constelações. Após a constelação, não há nenhuma avaliação nem conversa sequencial. Como na cura xamânica, não há um processo gradual de cura: o movimento curativo é súbito e concreto. O supervisor ou terapeuta assume, na Constelação Familiar, o papel de xamã, mantendo o controle do processo, e, então, se retraindo novamente, abandona a constelação à sua própria dinâmica.

Fica claro que, na Constelação Familiar, a verdadeira força da cura vem de fora. Nas constelações usamos a energia dos representantes. O cliente é passivo e normalmente apenas olha. Assim como no xamanismo, não apenas o indivíduo é curado, mas a comunidade. Para os xamãs em cena, fica claro que, numa sessão de Constelação Familiar, é aceito o contato com os espíritos dos mortos. Eventualmente, eles também são visíveis aos neoxamãs. O representante coloca seu corpo (ou uma parte do seu corpo) provisoriamente à disposição dos espíritos, para que possam se expressar (da mesma maneira, o xamã acha um ponto fraco da Constelação Familiar, apontando para o fato de que, nesse processo de assumir o corpo, não se dê nenhum ritual de purificação, pois pode acontecer que um espírito não vá embora logo, ou não queira ir mais: não se pode esquecer que espíritos auxiliares também podem vir, procedentes de um outro mundo, trazendo algo que os representantes recebem inconscientemente)³⁸.

Temos de lidar, aqui, com um processo ocultista de diagnose³⁹, uma espécie de *Ars noetica*. Os representantes se tornam médiuns e devem, assim, obter acesso a um saber (oculto). Por isso, ocasionalmente, a Constelação Familiar é tida como uma prática xamânica, como por exemplo, nas questões de paternidade (o que, porém, entre os praticantes é avaliado de modo bem diverso).

Num julgamento mundano, a Constelação Familiar, segundo Hellinger, é tida como uma prática esotérica ocultista e cinicamente também denominada de xamanismo de plástico (uma vez que, aqui, tem lugar um procedimento retirado do contexto dos rituais das tribos africanas e transposto para a cultura ocidental).

Em suma, consideramos que o juízo do departamento responsável pelas seitas, da Diocese de Innsbruck: A Constelação Familiar segundo Hellinger é um *procedimento esotérico-xamânico*. No âmbito da Igreja, não pode (não deveria poder) existir nenhuma oferta da Constelação Familiar segundo Hellinger⁴⁰. Esse procedimento não pode também ser ‘batizado’, no sentido de se achar que, fazendo-se uma oração antes da Constelação, o Espírito Santo poderia falar através dos representantes. Essa prática – que acontece (!) – deve ser vista como uma violação do Segundo Mandamento (não usar o nome de Deus em vão).

Razões do sucesso

Hellinger oferece um projeto alternativo e antimoderno para a cultura atual, que, para muitas pessoas, é vivida de um modo exageradamente exigente e doentio. Em um tempo, que é também descrito como ‘modernidade líquida’, na qual vive uma ‘sociedade fluida’, as estruturas se dissolvem, assim como os antigos ordenamentos e os rígidos caminhos da vida. Vínculos sociais, como família e comunidade são progressivamente atomizados, enquanto o apoio e a sustentação sobre uma certa sociedade local, praticamente, desaparecem para todos. “A pessoa modular, com a sua identidade cultural euro-americana, não possui um caráter firmemente estável, mas uma essência com qualidades móveis, disponíveis e intercambiáveis”⁴¹. Com base nisso, a coerência de vida não é algo que deve ser conquistado. Há um incremento de uma nova ânsia por pertencimento, enraizamento, ordenamento estrutural e simplicidade. Hellinger fala sobre muitos desses temas, que foram trazidos à tona pela geração dos anos 68 de modo superficial.

Família, coesão, papéis sexuais claramente definidos (o homem deve ser homem, a mulher, mulher). Enquanto, hoje, cada vez mais responsabilidade é dada à pessoa (principalmente quanto ao sucesso de seu próprio plano de vida), Hellinger traz o alívio: ninguém é responsável. Isso vale, também, para o mal que cada um faz por si mesmo: num plano superior, ninguém é responsável, está meramente a serviço.

³⁶ HORN, P. *Enzyklopädie*, cit. por Haas.

³⁷ Cf. ROSENMYER, L. *Schöpferisch altern: Eine Philosophie des Lebens* [Envelhecer de modo criativo. Uma filosofia de vida]. Viena: LIT, 2007.

³⁸ Cf. sobre isso: KAMPENHOUT, 37-43.

³⁹ Cf. HAAS, 69s.

⁴⁰ Cf. MISCHITZ. *Vortragsmanuskript*, 2006.

⁴¹ KEUPP, 33.

Na contramão da fantasia e da efetividade (que tem um efeito exaustivo para a pessoa que está sempre caçando o que é melhor), ele traz um caminho permeado de fatalismo: não há nada para ser mudado. O único caminho para a paz é aquele da concordância com tudo.

Numa época que parece não ter mais verdades absolutas, ele vem com uma pretensão absoluta, como um messias: “Eis alguém que dá respostas categóricas, que reluz num hábito de certeza inequívoca, resumível numa frase simples e clara: Eu sei que é assim (...) Ele fala que havia encontrado a verdade”⁴². Suas afirmações são sempre imunes à crítica (“Quem olhar será capaz de ver – quem não vê, simplesmente não olhou”).

Tarefas que nos restam

- Esclarecer as diversas formas de Constelação Familiar, delimitando nitidamente a Constelação Familiar de Hellinger, tanto na teoria quanto na prática.
- Ressaltar as diferenças entre a ideologia de Hellinger e a teologia cristã-católica (desde a perspectiva de uma crítica profana, Hellinger continua a ser apresentado como um ex-missionário católico e sua ideologia pintada como tipicamente católica, sobretudo suas opiniões sobre hierarquia, relações entre marido e mulher, etc).
- Refletir sobre como ajudar pessoas que foram prejudicadas pelo contato com a Constelação Familiar de Hellinger (“...raspar até as gengivas”⁴³).
- Mostrar caminhos cristãos para o condicionamento das incumbências familiares, oferecer a oração da cura, a oração pelos mortos e o serviço da reconciliação.

⁴² Ibid., 23.

⁴³ Cf. notas do Ministério Mecklenburg.

Referências

- GOLDNER, Colin (org.). *Der Wille zum Schicksal. Die Heilslehre des Bert Hellinger* [A vontade do destino: a doutrina de salvação de Bert Hellinger]. Viena: Ueberreuter, 2003.
- HAAS, Werner. *Familienstellen – Therapie oder Okkultismus? Das Familienstellen nach Hellinger kritisch beleuchtet* [Constelações familiares – Terapia ou ocultismo. Um exame crítico às constelações familiares segundo Hellinger]. Kröning: Asanger, 2005.
- HELLINGER, Bert e TEN HÖVEL, Gabriel. *Annerkennen, was ist. Gespräche über Verstrickung und Lösung* [Reconhecer o que é. Conversas sobre enredamento e solução], Munique: Kösel-Verlag 1996.
- HELLINGER, Bert. *Der Grosse Konflikt. Die Antwort* [O grande conflito. A resposta]. Munique: Goldmann, 2005.
- HELLINGER, Bert. *Gottesdanken. Ihre Wurzeln und ihre Wirkung* [Dar graças a Deus. Suas raízes e efeitos]. Munique: Kösel, 2004.
- HELLINGER, Bert. *Liebe und Schicksal. Was Paare aneinander wachsen lässt* [Amor e destino. O que permite casais crescerem juntos]. Munique: Kösel, 2003.
- HELLINGER, Bert. *Religion, Psychotherapie, Seelsorge* [Religião, psicoterapia, aconselhamento espiritual], Munique: Kösel-Verlag, 2000.
- KAMPENHOUT, Daan van. [tít.espanhol: *La sanacion viene desde afuera. Chamanismo y Constelaciones Familiares*]. Heidelberg: Carl-Auer-Systeme Verlag, 2003.
- KEUPP, Heiner. “Von der (Ohn-)Macht der Helfer. Was Hellinger seiner Anhängerschaft sichert” [Da (im)potência do ajudante. O que Hellinger assegura a seus seguidores]. In: Conselho de oradores acadêmicos da Universidade de Munique]. *Niemand kann seinem Schicksal entgehen... Kritik an Weltbild und Methode des Bert Hellinger* [Ninguém pode escapar ao seu destino... Crítica à ideologia e método de Bert Hellinger]. Aschaffenburg: Alibri Verlag, 2004., p. 21-37.
- LAKOTTA, Beates. “Das geht sie gar nichts an. Biographische Annäherung an Bert Hellinger” [Isso não é de todo possível. Abordagem biográfica a Bert Hellinger]. In: GOLDNER, Colin (org.). *Der Wille zum Schicksal. Die Heilslehre des Bert Hellinger* [A vontade do destino: a doutrina de salvação de Bert Hellinger]. Viena: Ueberreuter, 2003. p. 12-22.
- MISCHITZ, Wolfgang. *Die aktuelle Szene in der Esoterik. Richtungen, Gruppierungen und ihre Anliegen und Hintergründe* [O cenário atual no esoterismo. Direções, grupos e seus objetivos e origens]. Seminário em Spittal an der Drau [Áustria], 9. fev. 2006.
- NELLES, Wilfried. *Das Hellinger-Prinzip. Informationen und Klärungen* [O princípio de Hellinger. Informações e esclarecimentos]. Freiburg im Breisgau: Herder, 2003.
- NELLES, Wilfried. *Die Hellinger Kontroverse. Fakten, Hintergründe, Klarstellungen* [A controvérsia de Hellinger. Fatos, origens, esclarecimentos]. Freiburg im Breisgau: , 2005.
- REUTER, Elisabeth. *Gehirn-Wäsche, Macht und Willkür in der 'systemischen Psychotherapie' nach Bert Hellinger* [Lavagem cerebral, poder e arbitrariedade na 'psicoterapia sistêmica segundo Bert Hellinger]. Berlim: Lehmann, Antipsychiatrieverlag, 2005.
- ROSENMAYR, Leopold. *Schöpferisch altern: Eine Philosophie des Lebens* [Envelhecer de modo criativo. Uma filosofia de vida]. Viena: LIT, 2007.
- SCHÄFER, Thomas. *Was die Seele krank macht und was sie heilt. Die psychotherapeutische Arbeit Bert Hellingers* [O que torna a alma doente e o que a cura. O trabalho psicoterapêutico de Bert Hellinger]. Munique: Knauer, 1997.
- SCHULZ-HENKE, Vera. *Wenn Tiere Schicksal für uns tragen. Familienaufstellungen für Tiere* [Quando os animais nos trazem o destino. Constelações familiares para animais]. Seeon: Christa Falk Verlag, 2006.
- STUDENTISCHER SPRECHERRAT DER UNIVERSITÄT MÜNCHEN [Conselho de oradores acadêmicos da Universidade de Munique]. *Niemand kann seinem Schicksal entgehen... Kritik an Weltbild und Methode des Bert Hellinger* [Ninguém pode escapar ao seu destino... Crítica à ideologia e método de Bert Hellinger]. Aschaffenburg: Alibri Verlag, 2004.
- USLSAMER, Bertold. *Ohne Flügel keine Wurzeln. Die systemische Therapie nach Bert Hellinger* [Não há raízes sem asas. A terapia sistêmica segundo Bert Hellinger]. Munique: Goldmann, 1999.
- WEBBER, Gunthard (org.). *Bert Hellinger – Zweierlei Glück. Konzept und Praxis der systemischen Psychotherapie* [Bert Hellinger – Sorte a dobrar. Conceito e prática da psicoterapia sistêmica] Munique: Goldmann, 2002 (2ª. ed.)
- www.hellinger.com
www.aufstellungspraxis.de
www.dgsf.org

Constelação Familiar segundo Bert Hellinger

Dr. Pe. Clemens Pilar, COP

Entre as inúmeras ofertas à disposição no mercado da saúde e das terapias, está a “Constelação Familiar segundo Bert Hellinger”. Ainda que essa prática goze de grande popularidade e desperte muito interesse em suas diversas formações, vale a pena lançar um olhar crítico sobre ela. Não apenas pelo fato de que os psicólogos profissionais rejeitam esse método como não confiável, mas também porque muitas questões são levantadas com respeito à direção espiritual e à doutrina cristã.

Quem é Bert Hellinger?

Suitbert (Bert) Hellinger nasceu em Heidelberg, em 1925, com o nome de Anton Hellinger. Após a guerra, juntou-se aos missionários. De Marianhiller, em Würzburg, adotando o nome de Suitbert, que conservou após sua saída. Em seguida aos estudos de teologia, Hellinger foi ordenado sacerdote no ano de 1952. Posteriormente, esteve durante anos na África do Sul, atuando como missionário e lecionando. Ao retornar para a Alemanha, em 1968, não se encontrou mais à vontade nas novas circunstâncias, por estarem bastante diferentes, e isso acabou levando-o a abandonar a Ordem em 1971. Casou-se e iniciou diversos cursos de formação psicoterapêutica, mas não chegou a concluir nenhum deles. No âmbito desses cursos, aprendeu também métodos de trabalho com a família. A partir de formas sérias de trabalho psicoterapêutico familiar, isolou o elemento das constelações familiares como uma prática autônoma, e, desde meados dos anos 90, foi ganhando cada vez mais visibilidade. Ao longo dos anos seguintes, construiu de modo cada vez mais claro sua forma da assim chamada “Constelação Familiar Sistêmica”, para a qual acabaram surgindo também inúmeros imitadores.

O que vem a ser uma ‘constelação familiar’?

Bert Hellinger não se importa em saber como se comportam seus vários imitadores. Ele nega toda e qualquer responsabilidade sobre aquilo que é ensinado e feito por outras pessoas em seu nome.

Isso leva ao fato de que a ‘Constelação Familiar segundo Bert Hellinger’ é praticada e compreendida de várias maneiras. Não há, aqui, nenhum padrão geral ou diretrizes comuns. Não há limites para a imaginação dos ‘terapeutas’. A teoria original por trás da prática de Hellinger afirma que muitos dos problemas que uma pessoa enfrenta (sejam eles de saúde, profissionais ou no âmbito das relações humanas) têm origem em conflitos não resolvidos em sua família. Numa sessão de Constelação Familiar, um ‘paciente’ é escolhido para chamar, num grupo de pessoas (e isso pode acontecer também diante de um grande público), personalidades representantes dos membros de sua família. Estes são, então, dispostos num espaço (como numa constelação), de acordo com o valor que suas relações têm para o paciente. Por último, é escolhido também um representante para o paciente.

Com isso, o paciente encerra sua participação efetiva, e a partir de agora apenas assiste ao desenrolar dos acontecimentos. Os representantes irão dizer, então, de acordo com a sequência estabelecida, o que estão sentindo, quais são suas impressões. O coordenador da sessão muda a posição dos representantes na sala e coloca algumas frases que eles devem ficar repetindo — até que todos tenham o ‘sentimento’ de que agora está adequado. A imagem que se tira daí deve ser a solução para o problema do paciente. Não deve haver uma discussão sobre o acontecimento como um todo, pois ele perderia sua força.

A teoria por trás da prática

Segundo Hellinger, para cada família e cada clã, há uma espécie de alma familiar, que representaria um campo de conhecimento. No momento da Constelação, as personalidades dos representantes têm acesso a esse “campo” e poderiam, como se fossem médiuns, reproduzir de um modo exato o que sentia a pessoa real por ele representada. O objetivo da Constelação é reconhecer os enredamentos fatais da família e aceitar o destino.

A crítica dos psicólogos

A Constelação Familiar segundo Hellinger é descrita pela Sociedade Alemã para Terapia Sistêmica e Terapia Familiar (DSGF, em sua sigla alemã), como uma terapia não séria e insuficiente, pois:

- Serve de intermediário para uma crença, mágica, esotérica e no destino;
- As orientações do coordenador são dadas de modo arbitrário, sem que seja proposta uma solução consistente para um problema existente, após uma reflexão exaustiva;
- Na maior parte das vezes, as “soluções” são dadas na forma de receitas, sem nenhuma ligação com a pessoa concreta;
- Não existe um diagnóstico devidamente regulamentado do problema, nem uma comprovação sólida das consequências;
- Pessoas desorientadas psicologicamente podem sofrer sérios danos numa sessão de Constelação Familiar. Já foram atestados casos de suicídio após uma Constelação Familiar;
- A Constelação Familiar segundo Hellinger é tida como um procedimento espírita, com traços xamânicos e não é qualificada como um procedimento psicoterapêutico.

Crítica pastoral

O ex-teólogo católico tem se afastado de um modo cada vez mais claro da imagem cristã de Deus, em seus comentários e publicações.

- No lugar do Deus pessoal surge, para Hellinger, um poder cego do destino, ao qual a pessoa tem de se submeter.
- Em última instância, não haveria nenhuma diferença absoluta entre o bem e o mal.
- Hellinger rejeita o Deus Bíblico como o Deus do Poder, e também a ideia de salvação pela cruz de Jesus Cristo.
- A ideia de uma reconciliação com os antepassados, com os pais ou avós, nos casos de comportamentos culposos, é rejeitada e tida como algo arrogante, visto que aqueles que nasceram depois não estariam em condições de julgar a conduta dos mais velhos; os mais jovens teriam simplesmente de concordar com aquilo que já passou.
- As soluções propostas por Hellinger se alimentam de uma ideia que é incompatível com o pensamento cristão e com a fé na Redenção. A participação numa “Constelação Familiar segundo Bert Hellinger” deve ser expressamente evitada.

Referências:

Conselho Pontifício para a Cultura, Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso: *Jesus Cristo, Portador da Água Viva. Reflexões sobre a Nova Era de uma perspectiva cristã*. Roma, 2003.

ERZDIÖZESE WIEN [Arquidiocese de Viena]. *Nachdenkliches zu Bert Hellinger* [Reflexões sobre Bert Hellinger]. Werkmappe N°. 92, Viena: Referat für Weltanschauungsfragen, 2007.

GOLDNER, Colin. *Der Wille zum Schicksal: die Heilslehre des Bert Hellinger* [A vontade do destino: a doutrina de salvação de Bert Hellinger]. Viena: Ueberreuter, 2003.

HAAS, Werner. *Familienstellen - Therapie oder Okkultismus. Das Familienstellen nach Hellinger kritisch beleuchtet* [Constelações familiares – Terapia ou ocultismo. Um exame crítico às constelações familiares segundo Hellinger]. Kröning: Asanger, 2005.

KAMPENHOUT, Daan van. *Die Heilung kommt von außerhalb: Schamanismus und Familien-Stellen* [tít.espanhol: *La sanacion viene desde afuera. Chamanismo y Constelaciones Familiares*]. Heidelberg: Carl-Auer-Systeme Verlag, 2003.

Aprofundamento:

- Rodrigo Cardoso: <https://curaelibertacao.com.br/os-riscos-da-constelacao-familiar/>
- Pe. Silvio Roberto: <http://acordaterradesantacruz.com.br/?p=873>
- Angelo Fasce: <https://lavenganzadehipatia.wordpress.com/2015/11/01/constelaciones-familiares-lo-que-no-se-cuenta/>
- Julio de la Vega-Hazas: <https://es.aleteia.org/2014/03/20/la-organizacion-constelaciones-familiares-es-una-secta/>
- Julio de la Vega-Hazas: <https://es.zenit.org/2009/02/28/constelaciones-familiares-una-extrana-mezcla-de-psicoterapia-y-doctrinas-hindues/>
- Marta Chavarrías: https://www.eldiario.es/consumoclaro/cuidarse/constelaciones-familiares-pseudoterapia-aval-cientifico_1_7162259.html
- Pe. Paolo Berti: <https://www.gris.org/2021/05/21/le-costellazioni-familiari/>